



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## FALE AGORA OU CALE-SE: A IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO DO MONAQUISMO PRIMITIVO NA CONTEMPORANEIDADE

---

*Speak now or shut up: the importance of the silence of primitive monaquism in contemporaneity*

*José Carlos Ferraz<sup>1</sup>  
José Fabio Bentes Valente<sup>2</sup>  
Paula Miranda Lima<sup>3</sup>*

### Resumo:

A nossa sociedade moderna perdeu quase que por completo a noção da importância e o valor do silêncio e de como é importante praticá-lo em nosso dia a dia. A busca de experimentar a Deus é uma experiência que nos leva a uma visão de unidade que nos é transmitida pela tradição cristã. Infelizmente, vivemos um aumento crescente do sentimento de ausência de Deus em nossa sociedade onde “surge uma preocupação de como o ser humano poderá sobreviver não no que se refere à raça, mas sim da humanidade da raça”.<sup>4</sup> Não podemos apenas denunciar o ateísmo, o relativismo moral, etc. É preciso que busquemos nos aproximarmos com certa simpatia e compaixão daqueles que não possuem ou que não dão valor se quer para a fé e as coisas de Deus.

### Palavras-chave:

Silêncio. Deus. Interior. Busca. Autoconhecimento.

### Abstract:

Our modern society has lost almost completely the notion of the importance and value of silence and how important it is to practice it in our day-to-day lives. The quest to experience God is an experience that leads us to a vision of unity that is transmitted to us through Christian tradition. Unfortunately, we are experiencing a growing sense of God's absence in our society. "There is a concern about how man can survive not with regard to the race, but with the humanity of the race." We can not only denounce atheism, relativism moral, etc. It is necessary that we seek to approach with a certain sympathy and compassion those who do not possess or who do not value if they want to faith and the things of God.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória - ES. Bacharel em Teologia e Pós-Graduado em Filosofia e Ensino de Filosofia, pelo Centro Universitário Claretiano. É atualmente professor da disciplina de Ciências Humanas nos cursos da área da saúde, administração, nutrição e comunicação social da IESRIVER (Faculdade Objetivo) de Rio Verde – GO.

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas, Mestrando em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo e Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela uniasselvi. E-mail: fbarmas@gmail.com

<sup>3</sup> Advogada, Pós-graduada em Direito Penal e Processos Penal e Mestranda em Ciências de Religião pela Faculdade Unida do Espírito Santo e Pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela uniasselvi. E-mail: Paula.lima.gv@hotmail.com

<sup>4</sup> GRÜN, A. *Se quiser experimentar Deus*. 6 ed. São Paulo: Vozes, 2014. p. 42.

**Keywords:**

Silence. God. Interior. Search. Self knowledge.

\*\*\*

**Introdução**

A cada dia, as pessoas estão em busca de terem uma vida confortável, bem-sucedida, mesmo diante da incerteza do nosso próprio ser e isso acaba mexendo conosco hoje da mesma forma que tocou as pessoas na Antiguidade. A busca para responder à questão de como podemos ter uma vida de sucesso, teve início com a filosofia e com seus protagonistas, os filósofos do século IV como, por exemplo, o monge João Cassiano. Mas essa busca também partiu de outras pessoas que através de uma inspiração divina, afastaram-se da sociedade em busca da descoberta do seu “castelo interior”, como dizia Teresa D’Ávila.<sup>5</sup> Estes homens e mulheres que deixaram tudo para buscar contemplar a face de Deus em meio ao deserto, viveram entre os séculos terceiro e sexto depois de Cristo. “Pessoas, que haviam experimentado a fragilidade de sua existência, que as levou a uma crise, fazendo com que procurassem no isolamento caminhos para defrontar-se com sua própria verdade”<sup>6</sup>.

Apesar de possuírem alguma experiência anterior, tinham a intenção de redirecionar suas vidas. Principalmente enfrentando os seus “demônios” que apareciam diante das dificuldades na vida do deserto e pelo confronto com a própria solidão, sempre na busca de encontrar a tão sonhada paz interior.

Destarte, esse artigo analisa, em seu primeiro momento, a importância dos ensinamentos ascéticos dos Pais da Igreja no período da Igreja cristã primitiva, cujo ideário se fixa no saber calar-se e saber falar em momentos certos, pois tais ensinamentos inspiram no que devemos falar e de que modo deve-se falar. Na segunda parte, aborda-se como esses ensinamentos podem ser úteis para os dias de hoje, haja vista que, na correria hodierna de nossos labores, dificilmente se encontra um espaço para refletir em silêncio, em Deus, pois a cultura cristã atual tem nos deixado um pouco falantes demais, ligados demais à nossa compreensão da vida cristã.

**Os Pais da Igreja: ascese, escuta, sinônimos do silêncio**

Estes homens, ainda em nossos dias, são um exemplo a ser seguido por muitas pessoas do nosso século. “Pais” ou “Padres” do deserto, como são conhecidos, foi uma expressão que surgiu posteriormente, para indicar esses primeiros monges cristãos na igreja primitiva que buscaram através de uma vida de renúncias. Esta era determinada por ascese, oração e trabalho, principalmente no deserto do Egito, da Palestina e da Síria, na condição de eremitas (que são aqueles monges que vivem fora do cenóbio, ou seja, fora dos mosteiros e da vida comunitária<sup>7</sup>).

Estes homens do deserto, como já possuíam uma familiarização com a fragilidade do ser humano, aprenderam a lidar com essa situação, buscando um sentido para sua existência. A força que vinha desses homens de Deus foi iluminando e contagiando muitas outras pessoas que estavam em busca de um conselho, de uma palavra amiga, chegando a fasciná-las a ponto de que buscassem viver do mesmo modo que esses Pais do deserto. “Mas será que tanto naquela época quanto hoje em pleno século XXI, existem pessoas que encontram em sua alma uma

---

<sup>5</sup> DE ÁVILA, T. (santa). *As moradas do castelo interior*. São Paulo: É Realizações, 2014.

<sup>6</sup> GRÜN, A. *Sabedoria do deserto*. São Paulo: Vozes, 2017. p. 9.

<sup>7</sup> GRÜN, 2014. p.77.

incredulidade com a sua descrença pessoal? E esta abala a sua fé”. Com esse tipo de dúvida, acabamos percebendo que não podemos possuir a Deus. Como somos seres que falam de Deus, acabamos sendo desafiados a indagar: Quem é realmente este Deus? O que significa dizer que Deus se fez homem em Jesus Cristo? O que significa a ressurreição?

Essas e muitas outras perguntas devem tomar a consciência, que apresenta dois polos: tanto a fé como a descrença. Só que na Antiguidade, as pessoas buscavam escutar destes Padres seus conselhos e orientações para saberem lidar com as dificuldades de suas vidas. Estes monges, porém, possuíam uma sensibilidade tão acurada que conseguiam saber se alguém se achava em um dilema existencial, e, se precisava de uma palavra orientadora que “pudesse indicar o caminho para tirá-lo de uma crise vivencial”.<sup>8</sup> Conta-se que certo dia, uma pessoa em dúvida, buscou o conselho de Abbas Siso de como poderia buscar a Deus. E assim ele disse:

Não devemos imaginar Deus como uma pessoa que tem um lugar fixo de morada. Deus está em toda parte; Ele perpassa a natureza; Ele se encontra no coração do ser humano; Ele se faz presente na comunidade dos que rezam, mas não permite ser enclausurado em local específico. Por isso, devemos desistir de fixá-lo num local e de procurar por esse lugar. A procura de Deus requer, antes, que o procuremos sempre em todos os lugares, mas sem pretender possuí-lo.<sup>7</sup>

Isso ainda serve para nós em nossos dias. Olhando para este período da história da Antiguidade, pode parecer para nós um mundo distante e incompreensível principalmente se buscarmos entendê-lo por mera curiosidade. É claro que as palavras de sabedoria destes monges só podem nos curar se percebermos em suas palavras um reflexo, pelo qual reconheceremos nossa própria fragilidade, “nosso próprio risco e tentação”.<sup>9</sup> Sendo assim, devemos buscar experimentar os conselhos dos Pais do Deserto como remédios que podem “curar e salvar” nossas almas, como disse Abbas Siso. Essas histórias mostram-nos o caminho que devemos seguir para que saibamos lidar com as nossas emoções e pensamentos. Apesar de transmitirem a paz, os Padres do deserto viviam em um ambiente que era tudo, menos sinônimo de tranquilidade para as almas necessitadas de repouso.

O deserto era tido como um lugar de tentações e de lutas constantes contra os “demônios”. Nesse campo de batalha árido, enfrentavam todos os perigos experimentados no mundo sempre de uma forma nova. Assim sendo, “os monges tinham por objetivo purificar-se no deserto de todos os maus pulsos interiores”<sup>9</sup>. Hoje em dia, ao falarmos sobre deserto ou algo semelhante, imaginamos lugares devastados, em experiências extremas e ameaçadoras, principalmente em relação a devastação da alma. Para os monges, além de o silêncio conduzir ao encontro com Deus, ele também serve como uma terapia. O silêncio permite que se mantenha afastada a inquietação e a raiva, na busca de um autoconhecimento, que proporcione uma análise do comportamento humano em relação a raiva. Antes de ter uma atitude de raiva com o outro, deve-se buscar adentrar no silêncio da razão de sua própria raiva<sup>10</sup>.

É necessário analisarmos se o rancor que nos move está fundamentado no comportamento da outra pessoa ou está em nós mesmos, se não estamos usando de artifício de fuga de nós mesmos utilizando de palavra ofensiva contra o outro. Se faz necessário questionarmos até onde este rancor não é algo de expansão exagerada do próprio eu. Um abade de um mosteiro trapista, disse que um dos seus monges não conseguia controlar a sua raiva. Então lhe disse:

---

<sup>8</sup> LACARRIÈRE, J. *Padres do deserto: homens embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107. <sup>7</sup> GRÜN, 2017, p. 133.

<sup>9</sup> LACARRIÈRE, 2002, p. 155. <sup>9</sup> GRÜN, 2017, p. 13.

<sup>10</sup> NOUWEN, H. J. M. *Pare o silêncio*. Freiburg: 1979. p. 124.

A raiva muitas vezes revela como a gente pensa e sente a respeito de si próprio e qual a importância que a gente atribui às próprias ideias e opiniões. Quando Deus voltar a ocupar o centro de tua vida e conseguires apresentar-te a ele com tuas fraquezas, então talvez possas ganhar distância para deixares passar o teu rancor e voltares a orar.<sup>11</sup>

O silêncio também é uma arma que nos ajuda a manter longe os nossos rancores e nossas raivas. Claro que no falar, as nossas emoções não resolvidas podem acabar vindo à tona. O silêncio não abafa as nossas emoções e as nossas agressões, mas ajuda a domar, impondo ordem sobre elas. Com o nosso falar, todas as nossas emoções são reviradas, e com o silêncio podemos fazer com que elas se assentem novamente. É como o vinho, quando ele é mexido, torna-se turvo, mas quando o deixamos descansar parado ele fica claro e transparente. Esta disposição do silêncio de causar clareza ao nosso coração é apresentada em uma poesia chinesa. “Quem é aquele que consegue clarear o turvo por meio da calma? Quem é que pode demonstrar toda a tranquilidade que seria necessária para clarear o opaco? Silêncio, portanto, como a capacidade de clarear a água turva”.<sup>12</sup>

Certo dia um irmão fez uma pergunta para o Abba Poimém: “O que é melhor, falar ou calar-se?” O ancião respondeu: “Quem fala por Deus faz bem e quem se cala por Deus, também”.<sup>13</sup> Em poucas palavras, Abba Poimém define com sabedoria este caso de consciência na qual foi colocado para ele. Claro que ele poderia ter levado certo tempo para poder chegar a uma conclusão, levando em consideração as várias alternativas que se encontra o monge no sentido de: Devo falar algo? Ou devo permanecer calado? O sábio monge simplifica tudo em apenas duas palavras: “Põe Deus”.

Independente da sua postura em falar ou calar, tudo deve ser feito para agradar somente a Deus. Se esse não for o objetivo, corre-se o perigo de desviar-se do propósito e acabar cometendo o pecado, principalmente no que se refere ao falar. Na maioria das vezes o ser humano nem pensa em sua pergunta. Acabam falando ou calando de acordo com a sua vontade. Somos sempre levados a abrir a nossa boca para na maioria das vezes “não dizer nada”, para se por algo em destaque, para agradar ou seduzir, para criticar, falar mal ou caluniar... diversos são os motivos que não confessamos que são difíceis de se encarar frente a frente<sup>14</sup>.

Nossa boca costuma a falar sempre do que está cheio o nosso coração. Já em relação a nós, sentimos muito mais necessidade de falar e ser escutado do que os Pais do deserto; devemos, portanto, sermos atenciosos e sabermos guardar com zelo o apotegma de Poimém. Devemos questionar-nos: quando falamos ou quando permanecemos calados isso será feito realmente para agradar a Deus? Ou não estaríamos fazendo isso numa atitude de vaidade, orgulho e até por respeito humano? Será interessante analisarmos essa questão sob olhar de Deus, sem jamais deixarmos de esquecer que o Espírito Santo habita em nós e nos levando a um esclarecimento, que guia e inspira no que devemos falar e de que modo deve se falar. Saibamos que o nosso silêncio não é vazio, não é a morte; e sim pelo contrário, devemos nos aproximar da vida plena. “Se nos calamos é porque as palavras de que desejam viver nossas almas, não se exprimem com palavras desta vida”<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> NOUWEN, 1979. p. 126.

<sup>12</sup> KÄSTNER, E. *O urbano das coisas*. Frankfurt: 1973. p. 60.

<sup>13</sup> REGNAULT, L. *À escuta dos pais do deserto hoje*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2014. p. 77.

<sup>14</sup> GUILLERAND, A. *Silêncio da cartuxa*. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011. p. 21.

<sup>15</sup> GUILLERAND, 2011. p. 23.

O monge é aquele em que sua espiritualidade está pautada pela escuta. A comunhão da humanidade está na palavra que é o meio: a unidade do ser humano com o Senhor também possui como alicerce na Palavra de Deus. Não se deve esquecer que a vida do monge é uma herança vivida através da mística de interioridade do Papa Gregório, mas a vida monástica também depende de Agostinho no privilegiar o versículo do Gênesis, na forma de entendimento em que o ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus. O Senhor se ofereceu ao homem e habita em nosso coração. E um dos propósitos que o monge tem é de buscar adentrar o mais profundo de seu ser, onde Deus habita em seu sagrado silêncio. Nesta comunhão se realiza a aliança de nossa alma com o verbo, desta intimidade se eleva a “estrela da manhã”<sup>16</sup> que vem anunciar o novo dia que está surgindo.

Escreve São Paulo aos Coríntios: “Nós todos, de face descoberta, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, seremos transformados naquela mesma imagem, de glória em glória, segundo a ação do Espírito do Senhor”.<sup>17</sup> Esse texto possui algo de fundamental que “diz-nos qual é a condição para o processo que termina na transparência do homem em Deus: a condição é a vida na presença. Deus que habita no seu íntimo, atrai a si a alma e a transforma nele.”<sup>18</sup> Madre Amma Teodora diz que:

Bom é o silêncio, e um homem sensato exercita o silêncio. Pois é verdadeiramente grande para uma virgem ou monge estarem em silêncio, mas principalmente para os mais novos. Mas saiba: quando alguém se propõe a ficar em silêncio, vem de imediato o mal sobrecarregar a alma com tédio, fraqueza de ânimo e pensamentos. Também o corpo ele o sobrecarrega com doenças, cansaço, desarticulação dos joelhos e de todos os membros. Ele, portanto, elimina a força da alma e do corpo. E, quando, porém, estamos atentos, tudo isso de desfaz. Houve um monge que, ao iniciar a celebração do culto divino, ficou assolado por frio e febre, sendo que a cabeça ficou perturbada por uma tentação. E assim, disse para si: Eis que estou doente e logo vou morrer. Antes de morrer, quero levantar-me e celebrar o culto divino. E quando terminou desse pensamento coagiu-se e realizou o culto divino. E quando terminou o culto divino, também cessou a febre. E mais uma vez um irmão se opôs a esse pensamento, celebrou o culto divino e venceu, assim, o pensamento.<sup>19</sup>

Vale lembrar que não existiam apenas os Pais do deserto: havia também as Mães do deserto. Na maioria das vezes elas também davam conselhos parecidos com os dos Padres do deserto. Se analisarmos suas palavras com as dos Pais, é perceptível algumas pequenas diferenças. Pode-se perceber que as mães falam sempre algo que envolva o corpo e (as) doenças, coisa que não acontece com os homens. Madre Teodora é conhecedora da bênção que consiste no silêncio, mas ao mesmo tempo o seu perigo. Quando buscamos ficar em silêncio, os nossos pensamentos, que para os padres e madres são tidos como os “demônios”, buscam afastar-nos do silêncio. O artifício que normalmente usam é de fazer com que a nossa alma sinta tédio e nos cause alguma falta de vontade, exercendo grande controle sobre o nosso corpo, causando assim doenças corporais e mentais. Para os monges e monjas antigos, esses demônios liquidam com a força do corpo e da alma<sup>20</sup>.

Assim sendo, o monge perde a vontade de rezar e celebrar o ofício divino; acaba criando várias desculpas para não celebrar. A doença vai fornecer motivos suficientes para que se mantenha afastado desses cultos. Isso é algo que não traz benefício à vida do monge. Madre

---

<sup>16</sup> Cf. 2Pd 1,19.

<sup>17</sup> Cf. 2Cor 3,18.

<sup>18</sup> BARSOTTI, D. *Monaquismo e mística*. Juiz de Fora: Subiaco, 2009. p. 81 e 83.

<sup>19</sup> MILLER, B. *Apophthegmata Patrum*. Weisung der Väter. Trier, 1965. Teodora 3. <sup>18</sup> Teodora 3.

<sup>20</sup> GRÜN, 2017, p. 118 e 120.

Anna Teodora dá-nos um exemplo oposto através de uma história. Havia um monge muito doente e, primeiramente, não desejava ir celebrar o culto divino. Então, ele disse: Estou muito doente e em breve vou morrer. E por isso, devo ir celebrar o culto divino. Em vez dele deixar de ir ao culto divino por estar enfermo, ele usa a doença como motivo para participar juntamente com os irmãos da celebração. No momento em que ele permanece firme e fiel a este propósito, a sua febre acaba cessando de modo repentino. É neste momento que o velho monge percebe a febre era apenas uma desculpa para que ele dispensasse os seus compromissos religiosos.<sup>18</sup>

Desse conselho de Madre Anna Teodora não quer dizer que devemos deixar de lado e ignorar toda doença. Normalmente conhecemos pessoas que, independente da doença que tenham, seguem trabalhando. Talvez seria oportuno para que essas pessoas sentissem o convite para se permitirem um tempo de recuperação. Mas existem também outras pessoas que se utilizam de qualquer desculpa para não encararem a vida de frente, numa eterna fuga de si mesmo. Também nesse ponto, é importante termos o discernimento para perceber que a doença está sendo utilizada como motivo para deixarmos de celebrar o culto divino ou o nosso trabalho, ou se a doença deveria ser aceita com toda a humildade e reservar para si um tempo necessário para convalescença<sup>21</sup>.

### **À escuta dos Pais do deserto em nossos dias**

Silêncio, uma palavra que nos chama a atenção e que ao mesmo tempo nos aterroriza, capaz de nos trazer tanto paz e recolhimento como medo e solidão. Mesmo que algumas pessoas sintam certa atração pela ideia do silêncio, o que é certo é que não nos damos bem com esse recolhimento absoluto que o silêncio nos proporciona. Ao entrarmos em recolhimento conosco, passamos a prestar mais atenção com os movimentos de nossos pensamentos invadindo as nossas mentes. Todas as nossas angústias, ansiedades, situações que foram dolorosas e difíceis de serem enfrentadas, voltam de uma vez para a nossa consciência, deixando-nos inquietos, não gostando de deparar-nos com o mais íntimo do nosso ser, desse embate com essa confusão de nossos corações. Desta forma, buscamos deixar de lado o silêncio buscando algum tipo de distração<sup>22</sup>.

"No silêncio e no recolhimento progride a alma devota, e aprende os segredos das Escrituras".<sup>23</sup> Os monges do século IV, que foram conhecidos como pais do deserto, eram pessoas que viviam em constante silêncio. Não deixaram nada registrado e dificilmente falavam. Mas os seus conselhos e palavras que foram transmitidas oralmente a seus discípulos possuem um valor incalculável, porque são, ao mesmo tempo, uma profunda experiência de Deus e autêntica expressão da sabedoria humana. O antigo Oriente serviu de cenários para esses homens desenvolverem a sua sabedoria e, por isso, eram chamados de pais, mais em sentido metafórico. Só encontramos na tradição cristã o reconhecimento de uma doutrina, o pleno exercício e o verdadeiro sinal de paternidade espiritual. Vale lembrar que somente os bispos eram chamados de pais nesse período.

Os monges egípcios que possuíam certa fama tanto por sua santidade quanto sabedoria, mereceram o título de Pais do deserto. Sua paternidade espiritual e a própria espiritualidade que desenvolveram no deserto, se tornaram um patrimônio de espiritualidade cristã, e os apotegmas. Servindo de um grande referencial que ultrapassou os séculos, chegando até aos nossos dias. Agora, será que suas palavras, seus conselhos ainda podem ecoar nos corações dos cristãos do

---

<sup>21</sup> GRÜN, 2017, p. 122.

<sup>22</sup> KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 87.

<sup>23</sup> KEMPIS, 2015. p. 88.

século XXI, que se quer vivem no deserto e muito menos em mosteiros?<sup>24</sup> Viver totalmente em solidão e principalmente em silêncio, em total ascese e renúncia, temor de Deus e humildade, em constante combate espiritual através da oração, amor a Deus e ao semelhante, possui sem dúvida lugar em nossa vida diária como cristãos.

Esses monges não querem ensinar-nos, mas o que eles disseram e dizem deve ser escutado não somente com os nossos ouvidos, mas com a pureza de nossos corações. Esses monges nos ensinam a viver e a buscar uma verdadeira espiritualidade através da base. É preciso dar início através das nossas paixões. Para eles, o caminho que nos leva para Deus é o caminho de buscar o “conhecer-te a ti mesmo”.<sup>25</sup> Certa vez, Evágrio Pôntico formulou isso da seguinte maneira: “Se queres conhecer a Deus, aprende primeiramente a conhecer a ti mesmo!”<sup>26</sup> Sem nos conhecermos, corremos o risco de nossos pensamentos acerca de Deus seres apenas meras projeções de nós mesmos. Mesmo que, hoje em dia, haja pessoas que aparentam serem piedosas, elas não são transformadas por suas orações, mas acabam se aproveitando dessa tal “piedade” para buscarem certa ostentação diante das pessoas.

Já os Pais do deserto nos mostram uma forma de piedade totalmente inovadora. Seria, hoje em dia, importante se a Igreja mantivesse atualmente contato com as origens e fontes antigas da sua própria espiritualidade. Talvez fosse uma resposta adequada para a ansiedade espiritual que temos em vez de uma teologia moral; teologia esta que tem predominado durante os dois últimos séculos.

A espiritualidade desses primeiros monges é mistagógica, ou seja, ela nos leva para experimentar o mistério de Deus e do próprio ser humano. A atitude de se manter calado é elogiada por esses monges. Pois, manter-se em silêncio é o caminho que nos conduz ao autoconhecimento e a verdade do próprio coração. Não se deve esquecer que este caminho nos liberta do mal de criticar e julgar as pessoas. O permanecer calado não permite que julgemos e faz com que nos confrontemos sempre de novo conosco mesmos. Ele age em nós, como uma barreira que não permite que possamos projetar o nosso lado sombrio sobre as pessoas.

Conta-se que, por três anos, pai Agatão teria levado uma pedra em sua boca até conseguir ficar calado; até conseguir não mais julgar o irmão, nem mesmo com o coração.<sup>27</sup> Sabemos que tanto o calar e o falar são atitudes que trazem grandes efeitos para a vida das pessoas. Por isso é que em todos os diversos tipos de cultura, como também em todas as religiões, a palavra possui grande valor, como também o próprio silêncio.

Na Sagrada Escritura, são os livros sapienciais que melhor nos revelam a relação entre essas atitudes e o mistério de Deus. A sabedoria desses antigos monges fazia parte da vida de ensinamentos teórico-práticos em perfeita harmonia com a criação e o Criador, sendo muito frequente, na tradição monástica, essa sabedoria. O estar em silêncio é uma preparação que o monge faz para escutar o Espírito Santo para, então, adquirir coragem, força para edificar, exortar e consolar as pessoas que buscam uma palavra de consolo. Esses monges eram chamados “pneumatoforoí”, isto é, portadores do Espírito.<sup>28</sup>

---

<sup>24</sup> É o plural de apotegma. O mesmo que: adágios, aforismos, anexins, ditados, ditos, máximas, provérbios, rifões, rifões.

<sup>25</sup> Filósofo Sócrates.

<sup>26</sup> Foi um escritor, asceta e monge cristão. Evágrio dirigiu-se ao Egito, a “Pátria dos Monges”, a fim de ver a experiência desses homens no deserto, e acabou por se juntar a uma comunidade monástica do Baixo Egito.

<sup>27</sup> Era de origem [siciliana](#) e vivia num mosteiro em [Palermo](#). Foi eleito em [27 de junho de 678](#) aos 58 anos de idade foi eleito Papa.

<sup>28</sup> Do Antigo Testamento são: Jó ou Job (português de Portugal), Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Ben Sirac ou Eclesiástico.

A atitude de manter-se calado é para os monges um caminho que nos leva a libertarmos de nossos pensamentos que ocupam constantemente a nossa mente. Devemos entender que não basta o calar exterior e que isso se faz necessário para ajudar-nos a calar o nosso coração, deixarem que os nossos anseios se acalmem e, assim, não mais desempenharem controle sobre nós. Os antigos padres dificilmente saíam de sua cela e aconselhavam as pessoas a permanecerem também a maior parte do tempo se possível, em suas celas, buscando auto suportar-se e não fugir de si mesmo. Em nossos dias esta “cela” é o nosso coração. A permanência, ou seja, o suportar-se a si mesmo é a forma pela qual atingiremos o progresso espiritual e humano. Não existe ser humano tão maduro que tenha buscado enfrentar o seu eu e suportar-se a si mesmo e encontrar-se com sua própria verdade. A tradição espiritual levou a experiência do profeta Elias a sério.<sup>29</sup>

Para ela, o verdadeiro lugar da experiência de Deus é o silêncio. Importante perceber que o silêncio não serve apenas para suprimir o barulho em nosso coração. O silêncio não significa exclusivamente que eu me livro das minhas inquietações e chateações, mas que também não busco refletir sobre Deus. No silêncio, ficam quietos os meus pensamentos e todas as imagens que tenho de Deus. Só então, diz Evágrio, “haveremos de experimentar Deus”.<sup>30</sup> Esta virtude que os monges praticam de permanecer calados não possui um fim em si mesmo, mas serve para buscarem a plena união com Deus. O estar consigo mesmo e o desligar-se são passos importantes e necessários para nos conduzirem a Deus, e permanecermos em plena união com Ele. Devemos estar atentos ao chamado de Deus para vivermos certos períodos de silêncio em nosso dia a dia, como reflexão, de meditação e de “escuta”. A cultura cristã atualmente, tem nos deixado um pouco falantes demais, ligados demais na nossa compreensão da vida cristã.

Temos de entender que o nosso serviço de Deus e da Igreja não está apenas no conceito de falar e de fazer. Também deve ser constituído por períodos de escuta, de espera no Senhor. Talvez seja extremamente importante, nesta época na qual vivemos com tamanha violência e agitação, redescobrir a meditação, a oração unitiva, interior, silenciosa, e o silêncio criativo cristão.

### Considerações finais

No coração do ser humano existe um silêncio natural, porque é nesse silêncio onde Deus habita no mais íntimo do ser humano. Em Deus, permanecemos ligados a este profundo silêncio. A Igreja sempre nos afirma que a humanidade inteira é fruto de um Deus plenamente silencioso; pois o ser humano é filho do silêncio. Deus nos ampara e vivemos a todo o momento ao lado d’Ele conservando o silêncio. Não há nada melhor do que buscar descobrir a Deus através do silêncio que está inscrito no centro de cada ser humano. Se não buscamos cultivar em nós este silêncio, como podemos encontrar verdadeiramente a Deus? A maioria das pessoas gostam de fazer diversas coisas como: viajar, criar, realizar grandes descobertas, etc. Mas tudo isso acontece fora de si mesmo, distante de Deus, que vive silenciosamente em nossa alma. Não podemos esquecer da importância de se adquirir o hábito de viver em silêncio para buscar estar verdadeiramente com Deus.<sup>31</sup>

Usando de base o livro do Deuteronomio, que diz que não é atravessando o mar que encontramos Deus, pois Ele está em nosso coração, São Paulo explica:

Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer Cristo descer do alto, ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para reconduzir Cristo dentre os mortos. Que ela [a

---

<sup>29</sup> SARAH, R; DIAT, N. *A força do silêncio contra a ditadura do ruído*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017. p. 28.

<sup>30</sup> Cf. 1Rs 19, 12s

<sup>31</sup> SARAH, 2017. p. 30.



justiça que vem da fé] diz então? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração. Isto é, a palavra da fé, que pregamos. Porque se confessas, com tua boca, que Jesus é o Senhor, e crês, em teu coração, que Deus o ressuscitou dentre os mortos, tu serás salvo.<sup>32</sup>

Diante da Sagrada Escritura, no momento de reflexão e escuta em silêncio, as bênçãos de Deus são derramadas sobre as pessoas de fé. É na fé, e não em uma viagem por todo o mundo, é que vamos contemplar e encontrar-se com Deus. Com certeza, será sondando por um bom tempo as Escrituras Sagradas, e depois de um certo tempo lutando e suportando a todas as investidas do antigo inimigo, é que verdadeiramente chegaremos a Deus. Dom Augustin Guillerand não se enganou ao dizer que “os homens não encontram em nenhum outro lugar aquilo que têm em si mesmos”.<sup>33</sup> Se não permitimos que o silêncio habite em nós, e que nos sentimos incomodados por não permitir que a solidão nos molde, o homem estará privado de Deus. Não existe outro lugar em todo o mundo onde Deus esteja tão presente como no coração das pessoas.

O Espírito Santo de Deus faz a sua morada em nosso coração, templo do silêncio. Ao mesmo tempo, não podemos esquecer ao vermos o sofrimento que muitas pessoas estão passando e que muitas das vezes são terríveis, podemos nos interrogar: “Para que serve invocar Deus? Porventura Ele não desvia o olhar para o lado? Nada tem a ver com este mundo e com toda a dor? Não se preocupa com o sofrimento?”<sup>34</sup> Tendo essas questões tão claras em nossa cabeça e buscando uma resposta por meio da leitura da Bíblia. Acabamos encontrando a história da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Aparentemente não encontramos nada que possa nos responder tais questões para o sofrimento das pessoas. Mas, quando nos deparamos com a figura de Jesus sofredor, somos apresentados, de um modo novo, ao mistério de Deus. Podemos perceber então que Deus sofre conosco. Ele faz com que a imagem que temos d’Ele caia por terra e “do alto tudo rege soberanamente”.<sup>35</sup> Ele através de Jesus, foi capaz de experimentar o sofrimento do mundo.

Deus sofre com todos os seres humanos. De igual modo se desponta em nós, o argumento de uma projeção falha e cheia de ilusão. Mesmo não querendo que as nossas imagens e projeções de Deus se tornem algo precipitado, onde podemos vislumbrar os nossos desejos de criança que trazem segurança e acolhimento, de proteção e de amor ou, então, de fazer de Deus algo que substitua a imagem inexistente de um amor que provem dos pais. Deus não se limita ao encontro com a morada eterna, no qual me sinto acolhido e aceito. “Deus também é desconhecido, e que possui o mistério inexplicável.”<sup>36</sup> Deus é aquele que traz a verdade nua e crua, e que faz com que sejamos confrontados com as nossas verdades, com o nosso próprio ser. Quando encontramos com Deus, encontramos-nos a nós mesmos, e acabamos encontrando a verdade que tanto buscamos, que, por vezes, não se torna tão afável.

Nesse momento experimentamos o seguinte: “Se rejeitasse Deus, recusaria igualmente a responsabilidade pela minha realidade pessoal e desviaria para outros a responsabilidade o mundo”.<sup>37</sup> Assim, Deus é para nós aquele que nos desafia, que ao colocarmos no mundo pede que assumamos a nossa responsabilidade por ele.

## Referências

---

<sup>32</sup> Cf. Rm 10, 6-9; Dt 30, 12-14.16.

<sup>33</sup> GUILLERAND, 1976, p. 88.

<sup>34</sup> GRÜN, A.; HALIK, T. *Livrar-se de Deus? Quando a crença e descrença se encontram*. São Paulo: Vozes, 2017. p. 32.

<sup>35</sup> GRÜN; HALIK, 2017, p. 33.

<sup>36</sup> WAAL, E. *Vivendo com a contradição*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2012. p. 13.

<sup>37</sup> GRÜN; HALIK, 2017, p. 34.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DO PEREGRINO. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BARSOTTI, D. *Monaquismo e mística*. Juiz de Fora: Subiaco, 2009.

DE ÁVILA, T. (santa). *As moradas do castelo interior*. São Paulo: É Realizações, 2014.

GUILLERAND, A. *Silêncio da cartuxa*. Tradução do francês de Doroteia Rondon Amarante. Juiz de Fora: Subiaco, 2011.

GRÜN, A. *Se quiser experimentar Deus*. 6 ed. São Paulo: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sabedoria do deserto*. São Paulo: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_; HALIK, T. *Livrar-se de Deus? Quando a crença e descrença se encontram*. São Paulo: Vozes, 2017

LACARRIÈRE, J. *Padres do deserto: homens embriagados de Deus*. São Paulo: Loyola, 2002.

KÄSTNER, E. *O urbano das coisas*. Frankfurt: 1973.

KEMPIS, T. *Imitação de Cristo*. 7 ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

MILLER, B. *Apophthegmata Patrum*. Weisung der Väter. Trier, 1965. Teodora 3.

NOUWEN, H. J. M. *Pare o silêncio*. Freiburg: 1979.

REGNAULT, L. *À escuta dos pais do deserto hoje*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2014.

SARAH, R; DIAT, N. *A força do silêncio contra a ditadura do ruído*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

WAAL, E. *Vivendo com a contradição*. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2012.